

TRANSPONDO LIMITES: O CINEMA NA PESQUISA-INTERVENÇÃO E O DOCUMENTÁRIO ENQUANTO ESTRATÉGIA DE EMPODERAMENTO EM SAÚDE MENTAL

Rafael de Albuquerque Figueiró • Psicólogo. Mestre em psicologia pela UFRN. Líder do Grupo de Pesquisa Subjetividade e Movimentos Sociais. Professor da Universidade Potiguar. E-mail: figueiroz@hotmail.com

Clóvis Leite da Costa Neto • Psicólogo. Escritor. Graduando em cinema/UnP. Bolsista do Grupo de Pesquisa Subjetividade e Movimentos Sociais. E-mail: clloviss_bs@hotmail.com

Rolan Carvalho de Sousa • Graduando em psicologia/UnP. Bolsista do Grupo de Pesquisa Subjetividade e Movimentos Sociais. E-mail: milhouse762@hotmail.com

Data de Envio: fevereiro de 2012.

Data de Aceite: março de 2012.

Resumo: O presente trabalho objetiva apresentar as possibilidades de pesquisa e intervenção, a partir da utilização de recursos cinematográficos, mais especificamente da elaboração de documentários. A pesquisa foi desenvolvida pelo Grupo de Pesquisa Subjetividade e Movimentos Sociais, da Universidade Potiguar, por ocasião do Dia Nacional da Luta Antimanicomial (18 de Maio), que, em Natal, foi palco da IV Conferência de Saúde Mental Intersetorial, contando com a participação de profissionais, acadêmicos, gestores, familiares e usuários da rede de saúde mental do Rio Grande do Norte. A partir da perspectiva teórico-metodológica da cartografia, a pesquisa-intervenção produziu um curta-metragem, documentário, problematizando o protagonismo e a participação política dos usuários da rede de saúde mental no processo de reforma psiquiátrica. Os resultados apontam que, diante da ausência de protagonismo do usuário, as possibilidades da intervenção cinematográfica, nesse campo, apresentam-se como um importante recurso de pesquisa-intervenção, ao trazer à tona discursos, cenas e modos de vida dos portadores de transtornos mentais, usuários da rede de saúde mental. Ao realizar filmagens e edição de um documentário, tem-se a possibilidade de cartografar cenas, nuances e linhas de força presentes no conflituoso cenário da reforma psiquiátrica, além de permitir o empoderamento dos usuários entrevistados, dando voz a um coletivo historicamente excluído. Ao utilizarmos a linguagem cinematográfica como ferramenta de pesquisa-intervenção, afirmamos possibilidade de produção de linhas de fuga, favorecendo o processo de produção de novas subjetividades.

Palavras-chave: Cinema. Pesquisa-intervenção. Documentário. Transformação social.

LA TRANSPOSICIÓN DE LOS LÍMITES: EL CINE EN LA INVESTIGACIÓN-INTERVENCIÓN Y EL DOCUMENTAL COMO UNA ESTRATEGIA DE EMPODERAMIENTO EN SALUD MENTAL

Resúmen: Este estudio presenta las posibilidades de la investigación-intervención en la utilización de los recursos cinematográficos, específicamente el desarrollo de documentales. La investigación fue realizada por el Grupo de Investigación Subjetividad y Movimientos Sociales de la Universidad Potiguar, con motivo del Día Nacional de Lucha Antimanicomial (18 de mayo), que en Natal fue la sede de la Cuarta Conferencia de Inter de Salud Mental, con la participación de los profesionales, académicos, usuarios, familias y la red de salud mental de Río Grande do Norte. Desde el punto de vista teórico-metodológico de la cartografía, la investigación-intervención produjo un cortometraje en la categoría de documentales, cuestionando el liderazgo y la participación política de los usuarios de la red de salud mental en el proceso de reforma psiquiátrica. Los resultados muestran que, en ausencia de la función del usuario en el campo de la reforma psiquiátrica en Brasil, las posibilidades cinematográficas de la intervención en este campo se presentan como un importante recurso para la intervención de la investigación, para llevar a cabo discursos, escenas y modos de vida de los pacientes trastornos mentales, los usuarios de la red de salud mental. . Para llevar a cabo el rodaje y la edición de un documental, existe la posibilidad de escenas de cartografía, los matices y las líneas de fuerza presentes en la escena de la reforma psiquiátrica en conflicto, y permitir el empoderamiento de los usuarios entrevistados, dando una voz a un colectivo históricamente excluido. Al utilizar el lenguaje del cine como una herramienta para la investigación-intervención, afirmamos la posibilidad de que las líneas de producción de vuelo, lo que favorece la producción de nuevas subjetividades.

Palabras-clave: Cine. investigación-intervención. Documental. La transformación social.

1. INTRODUÇÃO

O que pode um cineasta? Quais as possibilidades de intervenção social presentes na produção de um filme? De um documentário? Essas foram as indagações que moveram os autores deste trabalho, no sentido de tentar, através do cinema, produzir interferências no real, alterando o cotidiano, favorecendo modos de vida mais potentes e menos excludentes para determinados coletivos.

Este trabalho pretende relatar o processo de pesquisa-intervenção desenvolvido no ano de 2010, por professores e alunos da Universidade Potiguar (UnP), por ocasião do dia *18 de maio*, Dia Nacional da Luta Antimanicomial. Nesse dia, é comemorado, em todo o país, o avanço do processo da reforma psiquiátrica brasileira, além de se reafirmar o constante processo de luta pelo fim dos manicômios em todo país.

A reforma psiquiátrica brasileira teve início no final da década de 1970, mas se efetivou, principalmente, na década de 1980, configurando-se como um processo social complexo, cujo objetivo é construir um modelo de cuidado em saúde mental de base territorial, comunitário, visando à extinção dos manicômios e a construção de uma sociedade mais justa, menos segregadora para com o fenômeno da loucura (AMARANTE, 1996).

Apesar dos inúmeros avanços técnicos, políticos, sociais e epistemológicos da reforma psiquiátrica brasileira, diversos autores sinalizam para o atual processo de cronificação dos serviços substitutivos de saúde mental (Centros de atenção psicossocial, ambulatórios, residências terapêuticas, etc.), haja vista sua incapacidade de, muitas vezes, produzir autonomia e reabilitação psicossocial, principais objetivos desses serviços (SEVERO, A. K.; DIMENSTEIN, M, 2009; FIGUEIRÓ; DIMENSTEIN, 2010).

Esta problemática está ligada a outra, não menos importante, que é a falta de protagonismo e participação dos usuários da rede de saúde mental no processo político da reforma psiquiátrica, como bem sinalizou Vasconcelos (2008). Segundo o referido autor, a reforma psiquiátrica brasileira foi proposta e pensada, principalmente, por técnicos e acadêmicos, e muito pouco por usuários, os quais deveriam ser os principais atores desse processo (VASCONCELOS, 2008).

Nesse sentido, no dia 18 de maio de 2010, durante a realização, em Natal-RN, da IV Conferência de Saúde Mental Intersetorial (CSMI), lançamo-nos a campo com o objetivo de mapear a participação dos usuários no processo da conferência e colher material cinematográfico para a realização de um futuro documentário. Apesar de

ser um espaço extremamente potente, do ponto de vista da mobilização e participação política de todos os atores envolvidos, os usuários ocuparam um papel de espectadores diante das discussões, propostas e tomadas de decisão, conforme sinalizou Figueiró et. al. (2011).

Dado esse contexto, a pesquisa-intervenção relatada no presente artigo pretende apresentar as possibilidades de interferência, materializadas pelo cinema, no contexto da saúde mental e reforma psiquiátrica brasileira, a partir da realização de um documentário, abordando, principalmente, o protagonismo do usuário durante a IV CSMI. A pesquisa-intervenção consistiu no processo de filmagem da IV CSMI, em que foram realizadas entrevistas com os usuários da rede de saúde mental presentes no evento, e de outras filmagens no meio urbano da cidade de Natal/RN. O material cinematográfico, fruto de todo esse processo, deu origem a um documentário, intitulado *18 de maio*, propiciando o acesso, a valorização e a publicização do discurso dos usuários, outrora invisível, além de demonstrar outros caminhos possíveis para uma atuação artística dentro de uma pesquisa acadêmica.

2. DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho se ancora na cartografia, enquanto estratégia metodológica de inserção em campo. A cartografia, antes de ser um método, situa-se como uma discussão metodológica, propondo uma revalorização da dimensão subjetiva em pesquisa. Nesse sentido, tem sido pensada, principalmente, por autores, como Gilles Deleuze, Michel Serres, Felix Guattari, Suely Rolnik e Pierre Lévy, cujas teorias se convencionou chamar de filosofias da diferença, com inegável influência do pensamento de Friedrich Nietzsche (KIRST, et. al., 2003).

A cartografia, como o próprio nome indica, busca dar conta de um espaço pensando as relações possíveis entre territórios, capturando intensidades e atentando para o jogo de transformações desse espaço. A cartografia está interessada em experimentar movimentos/territórios, novos modos de existência, sempre a favor da vida, dos movimentos que venham a romper com o instituído (KIRST, 2003). Para tanto, é preciso estar atento aos discursos, gestos, funcionamento, o regime discursivo operante (MAIRESSE, 2003).

De uma maneira mais clara, colocamo-nos em campo não coletando dados, mas produzindo-os (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009), não somente como pesquisadores, mas como interventores, sujeitos ativos que acompanham os processos de produção de subjetividade, as linhas de força que compõem a paisagem psicossocial. Em outras palavras, produzimos intervenções, linhas de fuga, bifurcações, que permitam que a vida siga seu fluxo por caminhos mais potentes.

A cartografia é um modo de se posicionar em campo, invertendo a lógica tradicional da ciência. Saímos do ‘conhecer para transformar’ e nos posicionamos no ‘transformar para conhecer’ (idem), acompanhando, com nossos corpos, nossos afetos, as linhas e

os conflitos de forças que engendram o real. Mapear essas forças, favorecendo os processos instituintes, revolucionários, esse é o papel do pesquisador cartógrafo.

Nesta pesquisa, um processo de cartografia, enquanto método de pesquisa, faz-se, então, necessário, haja vista que, agora, estaremos analisando pontos e movimentos ocorridos em linhas cartográficas, de encontros de atores políticos e sociais. E essas conexões de indivíduos irão formar um todo heterogêneo que, por sua vez, poderá, simultaneamente, engendrar alianças formadoras de transformações e mudanças dentro de seus próprios componentes (CALLON apud MORAES, 2003). Dessa maneira, a pesquisa teve a possibilidade de tornar clara uma forma de discurso, que, usualmente, não encontra espaço divulgador para se manifestar, o discurso do usuário.

A partir desse pano de fundo teórico, realizamos um projeto de pesquisa-intervenção na semana do dia 18 de maio, no ano de 2010. A pesquisa-intervenção consiste em um processo, no qual, a investigação e a intervenção comunitária fazem parte do mesmo processo (ZALDÚA; SOPRANSI; VELOSO, 2010).

Assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com usuários da rede de saúde mental do Rio Grande do Norte, registradas em aparelhos de gravação audiovisual. A entrevista semiestruturada tem por finalidade propor alguns questionamentos básicos sobre o tema em questão, com a capacidade de permitir certa liberdade para explorar outros caminhos e respostas de forma mais livre (MANZINI, 2004).

Além disso, fizemos observações participantes durante a realização da IV CSMI, realizando filmagens dos debates, plenárias, e demais discussões pertinentes à reforma psiquiátrica. A observação participante se faz necessária, por permitir o contato com o cotidiano dos sujeitos em questão, aproximando discursos, falas, afetos, etc. (CAMPOS, 2007), para uma melhor compreensão do fenômeno em questão.

Os resultados das filmagens acima descritas permitiram a produção de um documentário, trazendo a tona, principalmente, o discurso do louco no cenário político-social daquele momento.

A concepção estética deste trabalho se ancora na proposta francesa da *Nouvelle Vague*, a qual veio a se tornar um dos mais importantes movimentos cinematográficos mundiais, surgindo no período final de duas guerras importantes, a guerra da Indochina (que durou de 1946 até 1954), e a guerra da Argélia (durando de 1954 – 1962) (MASCARELLO, 2006).

Essa expressão, traduzida do francês, literalmente, como *Nova Onda*, foi lançada, pela primeira vez, por Françoise Giroud, em 1957, na revista, *L'express*, e se insere no movimento contestatório próprio dos anos sessenta. Esse nome fazia referência explícita à nova forma de se filmar que estava aparecendo entre os cineastas franceses daquela época, entre eles, principalmente, estão Françoise Truffaut e Jean-Luc Godard (MASCARELLO, 2006).

Podemos citar, como algumas características desse movimento, o fato de que seus primeiros filmes, sem muito apoio financeiro, eram caracterizados pela juventude de seus

autores, unidos por uma vontade comum de transgredir e trespassar as normas mais conhecidas e aceitas do cinema comercial (MASCARELLO, 2006).

Essas características se fizeram presentes, quando decidimos e começamos a trabalhar no processo cinematográfico em si. Isso ocorreu após a ida para o campo com fins de colher imagens que iriam compor o documentário. Foram levantadas questões de ordem estéticas e artísticas, e muito do que foi pensando baseava-se, em parte, nesse modo de filmar oriundo da França.

O roteiro foi trabalhado, levando-se em conta três analisadores básicos. O conceito de analisador diz respeito ao lugar pelo qual se pode exercer a palavra, assim como certa variedade de dispositivos que, de fato, podem provocar a revelação do que estava escondido (ALTOÉ, 2004).

Os três analisadores por nós escolhidos para nortear o roteiro do documentário, foram a IV CSMI, os usuários e a cidade de Natal/RN. A partir desse eixo central, pudemos trabalhar as imagens colhidas no campo, colocando-as em movimento, através da linguagem cinematográfica, usando uma estética de documentário para tratar a edição final das imagens.

Para que possamos entender melhor a passagem que se dá do imaginário para o real (MASCARELLO, 2006), é necessário compreender que um documentário se faz com a participação de pessoas reais, que não estão atuando um drama de ficção. É a fala dessas pessoas que vai tornar o documentário o que ele se propõe a ser: uma produção imagética que tenha um forte compromisso com a realidade (idem).

Nesse caso, a realidade que nos interessou, enquanto fonte de pesquisa, foi a realidade do usuário, enquanto sujeito capaz de produzir sua própria subjetividade e gerir sua potência, mas que, no entanto, encontra-se sob os ditames de um saber psiquiátrico, dito superior e normativo, que termina por cercear esse usuário com um conjunto de normas pré-estabelecidas segundo as prerrogativas dessa ciência médica.

O primeiro analisador, a IV CSMI, evidencia imagens e falas que denunciam o funcionamento burocrático da referida conferência. Além disso, problematiza-se o predomínio de técnicos e acadêmicos na condução das discussões, relegando aos usuários a posição de meros espectadores. A fala de um técnico da saúde mental diz um pouco disso: “eu tô aqui tentando ajudar, colaborar para que vocês tenham uma forma de, conjuntamente, fazer a coisa legal...”. A condução dos usuários no processo de participação política e tomada de decisão não é um privilégio das conferências, mas do modo como vem se processando o processo de saúde mental no Brasil e no Rio Grande do Norte (FIGUEIRÓ, 2009). O analisador se encerra com a fala emocionada de um usuário, acerca das dificuldades de seu dia-a-dia, assim como da dura realidade dos hospitais psiquiátricos. A mesa, composta principalmente por técnicos e acadêmicos, assiste a tudo sem entusiasmo.

O segundo analisador, os usuários, pretende revelar, evidenciar o discurso desses sujeitos, muitas vezes invisibilizados no cotidiano de nossa sociedade, assim como

durante a realização da IV CSMI. Apresentamos, assim, falas dos usuários, abordando, principalmente, a questão da ausência de protagonismo político no cenário da reforma psiquiátrica.

É exatamente na tentativa de reverter esse quadro, que a intervenção cinematográfica se faz importante, por captar e divulgar os discursos e ideias dos usuários a respeito do processo da reforma psiquiátrica e da atenção em saúde mental. É aqui que surgem falas do tipo: “a luta antimanicomial está sendo boicotada por alguns segmentos da sociedade”, fato fácil de ser percebido durante a realização da própria conferência. Além disso, os usuários refletem sobre a ineficiência de muitos serviços de saúde mental, que, ao operar ainda numa perspectiva manicomial, não conseguem produzir saúde e reabilitação psicossocial.

Ainda no segundo analisador, os usuários refletem sobre suas dificuldades de participação e mobilização política. Segundo um dos entrevistados, os próprios profissionais de saúde mental desencorajam a participação ao, muitas vezes, afirmarem: “eles não estão preparados para essa reunião”, despotencializando, assim, os usuários, no cotidiano dos serviços de saúde mental. Ainda nessa direção, a ausência de usuários em reuniões e discussões de cunho político acerca do processo de reforma psiquiátrica é explicado, segundo outro usuário entrevistado, pelo fato de “estarem dopados”, o que revela a outra face da atenção psiquiátrica. Ao mesmo tempo em que se produz certa tranquilidade e remissão dos sintomas, produz-se, também, sujeitos apáticos e o consequente esvaziamento político da IV CSMI, assim como da reforma psiquiátrica brasileira.

O terceiro e último analisador, a cidade, encerra o documentário, abordando a cidade do Natal-RN e sua relação com a loucura e com a diferença de uma forma geral. Luzes, carros, placas de trânsito, proibindo a passagens em alguns trechos... O *close* em uma placa anuncia a proposta: “embarque e desembarque de enfermos”. A cidade, nas suas múltiplas possibilidades, é, e deve ser, o lugar onde é possível a produção de novos modos de vida, novas formas de existência, sempre a favor da singularização, da afirmação de um modo de vida que rejeite modelos hegemônicos, e permita novos devires (GUATTARI, 1992). Se por um lado esse analisador revela uma cidade esvaziada e apática, por outro, resgata o discurso dos usuários, associado às potencialidades da cidade contemporânea, forjando linhas de fuga aos muitos processos de controle e normatização em que vivemos.

Para Deleuze (2004), uma linha de fuga é algo simples, de caráter abstrato, sinuoso. Essa linha carrega consigo a possibilidade da centralidade das ações em torno de um *modus operandi* mais potente e afirmativo, algo que possa escapar ao poder que oprime o indivíduo, neste caso, o usuário da rede de saúde mental. Essa linha traz à tona a possibilidade do usuário resistir frente a sua própria exclusão, diante do processo de reabilitação psicossocial. Como nos lembra Foucault, “(...) a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa” (2007, p. 241).

É nessa direção que age o processo cinematográfico. Ao captarmos a fala dos usuários, permitimos a emergência da voz, do discurso dos usuários, portadores de transtornos mentais (como são mais conhecidos), produzindo, entre outras coisas, empoderamento – termo que vem do inglês *empowerment* e diz respeito ao aumento de poder e autonomia por parte de grupos historicamente excluídos (VASCONCELOS, 2008). Assim, da própria opressão, nasce um poder capaz de produzir movimentos de resistência e afirmação da vida.

Nessa direção, o mapeamento e a análise desses espaços, por onde o discurso do usuário encontra uma fenda para se manifestar, dizer-se, fazer-se é condição primeira para uma clarificação desse discurso e de quais maneiras ele pode reverberar, para o próprio usuário, e para a sociedade. Formas marginais de emersão do saber. Produção de resistência e alegria.

Voltando ao analisador em questão, apresentamos imagens feitas pela cidade, trechos de pichações, intervenções urbanas, que sinalizam as já explicitadas linhas de fuga. Em uma das cenas, o rosto de um usuário emerge e anuncia seu veredito: “aqui é o céu e o inferno é. Pra minoria é o céu. Pra maioria o inferno”. Ao fundo, uma pichação, realizada na rua Chile, bairro da Ribeira, declara: “sinto que o sentir sabe mais que o saber”. Os discursos passam, assim, a compor com a paisagem psicossocial da cidade, articulando imagens, som, palavras... Ideias que se organizam em torno de uma nova possibilidade, materializadas na forma de um documentário que poderá ser assistido por milhões de pessoas. Assistir ao documentário não significa apenas divertir-se com uma obra audiovisual, mas uma possibilidade de dar outros sentidos ao fenômeno da loucura, assim como à própria cidade, enquanto espaço de organização do cotidiano.

O filme segue pela cidade, até parar, por alguns segundos, no cruzamento do famigerado estádio Machado¹⁷. Outra vez, emerge, na cena (os carros seguem seu fluxo no cruzamento), um usuário, que desabafa: “é porque, infelizmente, como a sociedade tem medo de nós, às vezes, nós temos medo da sociedade”.

Certamente, a frase impacta o espectador. Assistir, ouvir tais discursos não faz parte do cotidiano da maioria dos brasileiros, por isso, falamos em empoderamento. O filme foi exibido em 3 congressos nacionais, 3 universidades do nordeste e em 3 festivais de cinema, como também nos serviços de saúde mental do município de Natal-RN, o que, certamente, contribuirá para uma mudança no cenário político da reforma psiquiátrica.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A discussão do cinema pretende abranger de campos menores e abstratos até campos maiores, complexos e sociais, nos quais, também, e principalmente, estamos envolvidos, conscientemente, ou não.

17 O estádio João Cláudio Vasconcelos Machado, mais conhecido como “Machadão”, foi demolido no ano de 2011, em virtude das obras destinadas a realização da copa do mundo de 2014, no Brasil.

No cinema, temos características únicas e trespassantes, irrevogáveis, eu diria, nas quais, estamos, nós próprios, imersos e atrelados. Elas passam por desejos, ilegalidades, fantasias sociais, diversão, trabalho artístico e manual, intelectual, despretenciosidades e ação, ou atuação. Essas características somam-se e expandem-se ao longo do processo de criação de um filme, tendo ele qualquer tempo de duração, dando-nos um exemplo de uma arte com uma “linguagem” própria e inerente a um fluxo de imagens em uma tela; uma linguagem cinematográfica. Essa linguagem, então, propõe-se a ser como uma forma de expressão única, diferente, com alcance não só artístico, mas ético, estético e político, produzindo pequenas e grandes revoluções.

REFERÊNCIAS

ALTOÉ, S. (Org). **René Lourau**. Analista Institucional em tempo integral. São Paulo: Hucitec, 2004.

AMARANTE, P. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

CAMPOS E. A. As representações sobre o alcoolismo em uma associação de ex-bebedores: os Alcoólicos Anônimos. **Caderno de Saúde Pública**, v. 20, n.5, p.1379-1387, 2007.

DELEUZE, G. **Conversações**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2008

_____. **Diálogos**. 5. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

FIGUEIRÓ, R. A. **Ajuda Mútua no CAPS**: o papel do serviço no empoderamento dos usuários. 2009. 151 fs. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de pós-graduação em psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. 2009.

_____; DIMENSTEIN, M. O cotidiano de usuários de CAPS: empoderamento ou captura? **Fractal: revista de psicologia**, v. 22, n. 2, p. 431-446, 2010.

_____; MELLO, L. C. A.; MINCHONI, T.; SILVA, M. E. S. Luta antimanicomial e reforma psiquiátrica: o protagonismo do usuário em debate. **Catussaba**, v.1, n.1, p.51 – 65, 2011.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 12. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34. 1992.

KIRST, P. G. Redes do Olhar. In: _____.; FONSECA, T, M. G. (org). **Cartografias e Devires**: A Construção do Presente. Porto Alegre, EDUFRGS, 2003. p. 43-52.

_____ et. al. Conhecimento e cartografia: Tempestade de possíveis. In: _____.; Fonseca, T, M. G. (org). **Cartografias e Devires**: A Construção do Presente.. Porto Alegre: EDUFRGS. 2003. p. 91-102.

MAIRESSE, D. Cartografia: do método à arte de fazer pesquisa. In: Kirst, P. G. e Fonseca, T. M. G. (org). **Cartografias e Devires: A Construção do Presente.** (pp. 259-272). Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.

MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. In: Seminário Internacional de pesquisa e estudos qualitativos, 2, A pesquisa qualitativa em debate. **Anais...** Bauru: SIPEQ, 1 CD, 2004.

MASCARELLOS, F. (Org.). **A História do Cinema Mundial.** Campinas, SP: Papirus. 2006.

MORAES, M. A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, v.11, n.2, p.321-333. 2004.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade.** Porto Alegre: Sulina. 2009. 209p.

SEVERO, A. K.; DIMENSTEIN, M. O diagnóstico psiquiátrico e a produção de vida em serviços de saúde mental. **Estudos de psicologia**, v. 14, n. 1, p. 59-67, 2009.

VASCONCELOS, E. M. **Abordagens psicossociais: reforma psiquiátrica e saúde mental na ótica da cultura e das lutas populares.** São Paulo: Hucitec, 2008. v. II.

ZALDÚA, G.; SOPRANSI, M.; VELOSO, V. Dispositivo taller: modalidade de construcción de saberes y prácticas autogestivas em salud. In. Zaldúa, Graciela e Bottinelli, Marcela (Orgs.) **Praxis psicossocial comunitária em salud: campos epistêmicos y prácticas participativas.** Buenos Aires: Eudeba. 2010, p. 269-286.